



ESCRITA DE SI DE THOMAS BERNHARD

JENNIFER DE AVILA BESKOW¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²;

Universidade Federal de Pelotas- jennifer.ab.1997@hotmail.com¹

Universidade Federal de Pelotas- hjcristeiro@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito analisar o livro *Origem*, mais especificadamente, no relato denominado *Die Ursache* (A causa). Primeiramente, tratando de explicitar como foi a vida de Bernhard e sua relação complicada com a Áustria. Logo após, trabalhar por meio de conceitos, trazendo FREUD (2010) com o trauma vinculado à psicanálise. E KLINGER (2007), com o objetivo de discutir a ideia da escrita de si, entre outros.

2. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa foram feitas diversas leituras, tendo como intuito o aprofundamento dos temas aqui discutidos. Foram utilizados textos diversos, visto que, este livro apresenta inúmeros assuntos possíveis de serem trabalhados e, também, o objetivo é ampliar os horizontes em relação a esta obra, possibilitando maiores pesquisas e discussões.

3. RESULTADO E DISCUSSÕES

Thomas Bernhard nasceu em Heerlen, na Holanda, em 1931, e morreu em Gmunden, na Áustria, em 1989. Foi um dramaturgo, contista, romancista e poeta. Foi criado em sua maior parte pelos seus avós em Salzburg. Pode ser considerado um escritor polêmico por sua relação complicada com a Áustria. Esta vai do amor ao ódio. Também é considerado um escritor “maldito e solitário” (RIBEIRO, 2015, p. 19).

Seu livro intitulado *Origem* se divide em cinco breves relatos autobiográficos. Estes tratam da infância e adolescência do autor, cujos nomes são: *A causa* (1975), *O porão* (1976), *A respiração* (1978), *O frio* (1981) e *Uma criança* (1982). Ao escrever esses relatos, ele nos dá indícios de como foram terríveis seus anos de aprendizado e criação desse homem escritor. Neste trabalho focaremos no relato *A causa*.

Este relato é a primeira publicação autobiográfica de Bernhard. Nele ele já está com 13 anos de idade. Onde partilha sua história com o malvado Grünkranz. Este sendo diretor do colégio nacional-socialista que estudara. Nas palavras do escritor “o medo do Grünkranz, surgindo e punindo sempre de forma inesperada, com toda infâmia e astúcia militar, ele era oficial-modelo do exército e da SA”. (BERNHARD, 1975, p. 132). O internado é visto como um “cárcere projetado[...], contra a totalidade da sua existência”. (BERNHARD, 1975, p. 123)



Dessa forma, podemos considerar o tema central a semelhança ou mistura do nacional-socialismo com o catolicismo. Segundo o autor na época do nazismo para a do catolicismo, que veio logo após, não mudou praticamente nada. Antes era o Grünkranz e agora era um padre católico chamado Tio Franz, era tão temido e odiado como o primeiro e também tinha o mesmo modo ou caráter. A escola que se chamava Escola Nacional-Socialista para Meninos agora se transformou em Johanneum. No interior do internato quase nenhuma mudança se notava, apenas que: o salão, no qual eles educavam para o nazismo se transformou em uma capela, aonde tinha o retrato de Hitler agora tinha uma cruz, e no lugar do púlpito onde ficava o Grünkranz tinha um altar, onde agora ficava o Tio Franz.

De fato, os sinais exteriores do nacional-socialismo em Salzburgo haviam sido apagados por completo, como se aquele período pavoroso nunca tivesse existido. Agora ressurgia o catolicismo oprimido, e os americanos dominavam tudo. A miséria e a necessidade eram ainda maiores do que antes, as pessoas não tinham o que comer e para vestir não tinham mais do que aldrajos, apenas o estritamente necessário. (BERNHARD, 1975, p. 176-177).

A igreja é normalmente vista como aquela que ajuda e dá amparo aos necessitados, mas nesse relato há uma crítica ao catolicismo, visto que, este deveria vir com o intuito de ajudar com as coisas básicas para a sobrevivência humana. Porém ele percebe e evidencia o fato de a igreja católica estar no mesmo patamar do nacional-socialismo, já que as características internas do mesmo permaneceram, isto é, a opressão continua e as necessidades são ainda maiores em relação às anteriores.

Após fazer uma explicação sobre a vida do autor e o relato em si, podemos passar para a escrita de si, para o poder exercido pela autobiografia, o poder de ser mentira ou verdade. Como o relato *A causa* de Thomas Bernhard, que pode ser considerado um tanto quanto duvidoso, pois é uma ficção que o sujeito cria para si próprio e é também uma visão do autor dos fatos.

Segundo Philippe Lejeune(1996) o que diferencia a ficção da autobiografia é o pacto que o autor estabelece com o leitor, através de vários indicadores presentes no texto, que encaminham seu modo de leitura. Para sabermos se é autobiografia ou ficção depende do pacto estabelecido seja “ficcional” ou “referencial”.

Suas memórias e biografias, seus (auto)retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional são considerados o “espaço autobiográfico”. O autor faz pactos indiretos com o leitor, através de alguma indicação, as quais mostram a ele “fantasmas reveladores do indivíduo”(KLINGER, 2012, p. 10). Ficção e não ficção então não são territórios nitidamente separados. Devemos, portando, “abandonar os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção”“(KLINGER, 2012, p. 11)

Agora podemos partir para dentro da obra. Recordamos de um tema trabalhado por Freud, este se intitula o trauma. Por mais que se trate de uma escrita de si, com a experiência do autor na segunda guerra mundial, mesmo ele não participando efetivamente, por exemplo, como soldado, a sua experiência é válida para trabalharmos com o trauma. Assim, adentramos com o que o pai da psicanálise nos disponibiliza, segundo ele, o conteúdo da lembrança pode ser duas coisas: ou



um trauma psíquico capaz de causar a eclosão da histeria ou um acontecimento que se tornou um trauma, o trauma psíquico implica na ideia de um choque violento. Quando mais grave for o trauma vivido, mais intensa a força de repressão, está sendo um mecanismo de defesa. Além disso, utilizam-se outros mecanismos de defesa como reprimir ou/e esconder memórias.

Nos é evidenciado o trauma vivido por Bernhard em algumas de suas passagens, algumas delas falando da vontade de cometer suicídio. Este trauma preenchia tanto sua vida e era tão difícil de lidar que ele pensava em morte, pois não conseguia viver ou conviver com aqueles choques de cenas tão intensas, com aquele estado de exceção. Entre uma das passagens cito esta,

Não tivesse eu sido capaz de deixar para trás aquela cidade em última instância e desde sempre ofensiva e agressiva ao espírito criador, aniquiladora enfim, a um só tempo cidade materna e paterna, não a tivesse abandonado de uma hora para a outra, e alias no momento decisivo e redentor da mais aguda tensão nervosa e do máximo esgotamento mental, teria feito como tantos outros espíritos criativos que conheci, teria posto à prova aquela única característica distintiva de Salzburgo e me matado de uma vez. (BERNHARD, 1975, p. 121)

Em adição propomos que, é necessário **recordar, repetir e elaborar**. Freud usa o conceito de repetição, como uma forma de rememoração. Segundo o autor, para que o paciente consiga superar ou viver com algum trauma é necessário rememorar, lembrar-se dele, repetir, pois, assim, não irá reprimir ou esconder memórias. O objetivo dessa técnica é “preencher as lacunas da memória superando as resistências causadas pela repressão” (STENGEL, 2014).

Tratamos disso, pois é uma das características marcantes da obra de Bernhard, a estética da repetição. Este conceito está ligado ao exagero da repetição, recorrências constantes de ideias e palavras. Uma demasia autêntica, que pode ser chamada de arte do exagero. Este recurso estilístico torna marcante uma ideia. Este método foi muito utilizado pelo governo nazista através das propagandas, mas o escrito aqui a usa de forma diferente, com musicalidade e compasso, desarticulando, assim, o discurso nacional-socialista.

Dessa forma, voltamos para Freud e através de sua explicação temos a capacidade de entender porque Bernhard usa da repetição. Citando “Enquanto ele permanecer em tratamento, não se livrará desta compulsão à repetição; por fim compreendemos que este é o seu modo de recordar”. (FREUD, 2010, p.201).

Portanto, é muito importante rememorar, pois vemos que hoje não há uma ou não se quer lembrar-se do ocorrido naquela cidade. Quando ele narra, na época da segunda guerra, em uma passagem em que estava diante da hospedaria, esta mesma foi bombardeada e era uma montanha de escombros, com todos os moradores mortos sobre os escombros. Bernhard retorna para o hoje, anos após, agora o lugar era um cinema, quando ele pergunta a alguém se sabem o que tinha ali antes ou o que aconteceu, parece que as pessoas “perderam a memória das muitas casas destruídas e das pessoas mortas” (BERNHARD, 1975, p. 144-145)



4. CONCLUSÕES

Concluimos que ao analisarmos este relato denominado *A causa*, há vários pontos a serem trabalhos, estudados e discutidos. Desde a vida do autor, está estando muito relacionada com a obra e o caminho que ela segue. Lembrando que não necessariamente tudo que está escrito nela é correto ou até mesmo que tudo pode estar correto, evidenciando as fronteiras não limitadas entre ficção e fato. Em adição, adentrar para dentro da obra, analisando situações, vocabulários escolhidos e a repetição deles, entre outras coisas.

Resumindo, sempre devemos nos tornar sujeitos conscientes da realidade em nossa volta, dos fatos já ocorridos, que independe deles já terem acontecido, são de suma importância para análise e estudo. Portanto, é relevante não nos anestesiarmos ou não nos deixarmos anestesiarmos. A rememoração é valiosa para avivarmos a consciência.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNHARD, Thomas. *Origem*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

RIBEIRO, Helano. *A otobiografia de Thomas Bernhard: por uma Origem indecível e redentora*. Florianópolis, SC, 2015.

FREUD, Sigmund. "*Recordar, repetir e elaborar*". In: Obras completas. Vol. 10. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 201.

STENGEL, Claudia. *Resenha do Texto "Recordar, Repetir e Elaborar"*. Disponível em: <https://psicologado.com/resenhas/resenha-do-texto-recordar-repetir-e-elaborar> . Acesso em 12 de abril de 2017.

ALMEIDA, Ana. *Teoria do trauma*. Disponível em: <http://psisalpico.blogspot.com.br/2006/07/teoria-do-trauma.html> . Acesso em 12 de abril de 2017.

FAVERO, Ana Beatriz. *A noção de trauma em psicanálise*. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13362/13362_1.PDF . Acesso em 12 de abril de 2017.

BARBOSA, Maria Aparecida. *A linguagem e o jogo*. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-linguagem-e-o-jogo/> . Acesso em 12 de abril de 2017

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2077. Tese (Doutorado em literatura e antropologia) – Curso de pós-graduação da universidade do estado do Rio de Janeiro. :7Letras, 2007